

## PAISAGEM DO MEDO: UMA ANÁLISE DO LUGAR CASCATINHA A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DO DISTRITO DA CASCATA, PELOTAS/RS APÓS A ENXURRADA DO ANO DE 2009

GABRIELA CASTRO BARCELLOS<sup>1</sup>, ARIANA DOS SANTOS EVANGELISTA<sup>2</sup>,  
TIARAJU SALINI DUARTE<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – gabrielabarcellos-@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – ari\_evangelista@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – tiaraju.ufpel@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa oriunda de uma atividade realizada na disciplina de epistemologia da Geografia II, do curso de Geografia da Universidade Federal de Pelotas. A problemática evidenciada encontra-se interligada com o conceito de paisagem e suas possíveis variáveis, principalmente relacionadas as transformações simbólicas que podem ocasionar uma mudança na percepção dos atores sociais sobre este conceito.

Nosso recorte centra-se temporalmente nas drásticas alterações no ambiente natural e antrópico ocasionadas pelo fenômeno denominado de enxurrada, ocorrido em janeiro do ano de 2009 no município de Pelotas/RS. Como delimitação empírica, a pesquisa centra-se especificamente no 5º distrito, denominado de Cascata (figura 01).



Figura 01: Mapa de localização do distrito da Cascata – Pelotas/RS  
Fonte: Prefeitura de Pelotas.

Localizado neste distrito encontra-se a área denominada de Cascatinha, o qual simbolicamente possui uma identificação com a população que reside em seu entorno. Desta forma, após o fenômeno da enxurrada uma série de transformações materiais e imateriais interferem neste processo de identificação.

As enxurradas podem ser compreendidas como “um escoamento superficial concentrado [...] causado após chuvas de grande magnitude. Apresentando grande capacidade de transporte, as enxurradas resultam muitas vezes em consequências bastante expressivas” (RUTZ, 2015, p. 35).

Assim, regiões com maior declividade e relevos acidentados possibilitam um aumento das águas de maneira rápida e, por conseguinte, formam-se as denominadas enxurradas. O fenômeno descrito ocasionou impacto ambiental de causa natural a partir do aumento no volume de águas na bacia do arroio Pelotas e por conseguinte na área denominada de Cascatinha.

Esta encontra-se localizado no Escudo Cristalino Sul Rio-grandense, na área rural no município Pelotense, com uma grande extensão onde, em seu percurso, encontram-se rochas cristalinas e uma declividade acentuada

Ressaltamos que a paisagem no local sofreu alterações substanciais após este acontecimento. Além do impacto naturais, evidenciamos significativo transtorno para os moradores como, por exemplo, pontes quebradas, animais mortos, rompimento de barreiras ao longo dos arroios, etc. Com isso, a partir deste traumático evento, o presente artigo tem como objetivo analisar as possíveis transformações de uma paisagem bucólica e amena para as paisagens do medo, tendo como base os impactos na percepção dos moradores sobre a mudança dos mesmos após o acontecimento.

## 2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do presente trabalho, no primeiro momento nos detemos a uma revisão bibliográfica acerca do conceito de paisagem em diversos autores, buscando a construção de um arcabouço teórico/metodológico acerca desta temática. Após realizado este levantamento, desenvolvemos uma pesquisa de campo, com o intuito de visitar os locais com o impacto ambiental visando realizar um levantamento fotográfico do acontecimento.

Posteriormente, realizamos uma série de diálogos com moradores locais com o objetivo de compreender suas memórias e percepções sobre a paisagem, antes e depois do evento. Como metodologia de análise utilizamos a história oral, tendo em vista que não buscamos quantificar nossa pesquisa, mas sim compreender as percepções dos atores que residem neste recorte espacial e que construíram ao longo de sua história uma relação simbólica com a paisagem, conforme destaca DELGADO (2003, p. 15):

A história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber. Dessa forma, “a razão narrativa desemboca no saber contar um fato real ou imaginário, despertando no ouvinte o desejo de significar experiências vividas, que não retornam mais

Sendo assim, procedemos com uma metodologia para registrar essas histórias por meio de gravações, com o objetivo de obter informações de suas percepções atuais e anteriores ao acontecimento. Por fim, após os relatos dos mesmos foram ouvidos, transcritos e analisados, buscando compreender se esta paisagem, antes bucólica e aparentemente inofensiva, havia se metamorfoseado em uma paisagem do medo.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Destacamos que o conceito de paisagem do medo caminha no sentido de compreender como determinado sentimento subjetivo é construído por um ambiente ameaçador e pode ressignificar os sentidos dos lugares. Como afirma TUAN (2005, p. 7).

Paisagens do medo? Se pararmos para refletir quais são elas, certamente inúmeras imagens acudirão à nossa mente: medo do escuro e a sensação de abandono quando criança; ansiedade em lugares desconhecidos ou em reuniões sociais; pavor dos mortos e do sobrenatural; medo das doenças, guerras e catástrofes naturais [...]

Assim, um determinado contexto hostil pode gerar um fenômeno que nos fuja ao controle, produzindo inúmeras situações que transformam nossa percepção sobre a paisagem e constituem uma nova simbologia espacial para o indivíduo. O fenômeno ambiental denominado de enxurrada apresenta-se como um destes episódios, devido ao impacto ocasionado tanto no ambiente físico-natural como na mentalidade dos atores que vivenciam o lugar diariamente.

A paisagem segundo Milton Santos se defini por tudo aquilo que é palpável aos nossos olhos, complementada de cores, odores, movimentos, sons, etc.

(SANTOS, 1988). Este conceito está atrelado a percepção de nossos sentidos e uma vez alterada influenciará nossa reflexão sobre o lugar.

Tendo como base estas discussões sobre as paisagens e a percepção a partir da transformação da mesma, foi realizada nossa pesquisa de campo. A visita a famílias possibilitou compreender as transformações na forma como estas se relacionam com o espaço físico natural antes e depois do fenômeno denominada enxurrada.

O primeiro relato foi do casal João e Eulália<sup>1</sup> os quais residem a 20 anos na localidade. Ao chegarmos na residência, nos convidaram para caminharmos pelo local buscando visualizar os impactos. Posteriormente estes nos mostraram fotos antigas, denotando um certo saudosismo e intimidade com as águas da denominada Cascatinha. Após, relataram o evento citando a intensidade das chuvas e a força da água, a quantidade de árvores que foram arrancadas, pedras que chegaram a ser removidas e a destruição de uma ponte de concreto.

Ficou evidente que a enxurrada causou um trauma na família, e por conseguinte, transformou a percepção dos mesmos sobre o lugar. Yi Fu Tuan (2005, p. 12) nos relata que as paisagens do medo são relacionados as forças do caos onipresentes e o ser humano tenta, de todas as formas, mantê-las sobre controle.

Nesta tentativa de estabelecer o controle, nós criamos diversas barreiras materiais, desde casas, pontes, cercas, etc. até estruturas imateriais e simbólicas como contos, mitos, entre outros, que visam explicar os fenômenos naturais. A enxurrada na vida desta família trouxe um descontrole e o caos que rompeu com as barreiras construídas pelos seres humanos e ressignificou a paisagem para os mesmos. Os relatos nos demonstraram que a percepção do casal que antes possui uma identificação simbólica saudosa agora demonstra um temor.

Na segunda visita conversamos com o senhor Miguel, vizinho próximo do casal anteriormente entrevistado. Ao caminhar pela propriedade o morador nos levou para alguns lugares que evidenciam o impacto da enxurrada (figura 02 e 03).



Figura 02 e 03: impacto da enxurrada na área de estudo.

Fonte: pesquisa de campo, 2015

Nas figuras 02 e 03 é possível perceber algumas modificações, como, por exemplo, na vegetação composta por numerosas árvores que percorriam as margens do arroio em significativo número e que foram arrastadas pela enxurrada. A ponte também foi completamente destruída pela força das águas.

O morador nos relatou a força da água e os impactos que foram causados em sua propriedade. Torna-se claro na fala do entrevistado o sentimento de impotência com relação ao fenômeno e a transformação da paisagem ressalta essa situação. O dialogo demonstra que na percepção do morador os movimentos da natureza oscilam sem uma previsão clara e está inconstância acarreta medo.

Na terceira visita, o entrevistado João nos recebeu em sua residência. Destacamos que este denota uma maior preocupação com relação as questões socioambientais, e, na visão do mesmo, existe numa correlação direta com os

<sup>1</sup> Os nomes dos entrevistados são fictícios visando conservar a identidade dos mesmos.

impactos antrópicos e um possível sentimento de revanchismo, humanizando assim a natureza.

Desta forma, o medo neste contexto caminha no sentido de um desrespeito, com a natureza enquanto agente que possui “consciência”, pelos seres humanos. A simbologia de uma natureza primitiva intocada e pura comunga com o revanchismo por parte da mesma. Os espaços naturais aparentemente trazem consigo um refúgio e o sentimento de paz, todavia este também implica em ameaça constante a este sentimento (TUAN, 2005, p. 13).

A ideia de vingança denota o “poder” simbólico que um agente externo possui e a força que este tem para transformar a paisagem tanto no sentido material como imaterial. Os seres humanos historicamente elencam simbologias que buscam explicar aquilo que foge a seu controle. Criamos personagens fantasmagóricos para explicar determinadas catástrofes e assim podemos controlar (o incontrolável) ou explicar este sentimento tão intenso: o medo.

#### 4. CONCLUSÕES

O medo diz respeito a um sentimento que existe na mentalidade dos atores sociais, sendo o mesmo subjetivo e intrínseco a vida humana. Vivemos sob a percepção constante deste sentimento, tentando de todas as formas controlá-lo, seja com estruturas físicas ou com barreiras simbólicas que construímos em nosso imaginário.

As paisagens do medo dizem respeito também a uma forma simbólica que os seres humanos elencam no seu psicológico como algo aterrorizante. Desta forma, estas são subjetivas, sendo variáveis na sociedade.

Por conseguinte, a presente pesquisa evidenciou um sentimento de transposição entre os atores entrevistados. Antes da enxurrada existia um sentimento de respeito com relação ao lugar em comum acordo com um sentimento bucólico de paz e serenidade.

Contudo, após o evento ocorrido em 2009 em comum temporalidade com a mudança na paisagem ocasionada pela enxurrada, temos a passagem de uma paisagem de amenidades para o sentimento de medo e ansiedade latente. Este é ocasionado no imaginário pela possibilidade de retorno ao trauma a partir da expectativa/ansiedade de reviver este fenômeno novamente.

Portanto, o medo que se escondia na profundidade da psique agora apresenta-se na constituição simbólica do real. Evidenciamos então que a comunidade vive após a enxurrada com os nervos “a flor da pele”, devido a este evento traumático que mudou a relação com o lugar e, doravante, construiu na materialidade e na imaterialidade imagética uma paisagem do medo.

#### 4. REFERÊNCIAS

- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, v. 6, p. 9-25, 2003.
- RUTZ, Elenice Crochemore. Análise histórica das enxurradas no município de Pelotas e as consequências da enxurrada de 2009 na bacia hidrográfica do arroio Cascatinha, Pelotas/RS. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas, 2015.
- SANTOS, Milton. *Metamorfose do Espaço Habitado*, fundamentos Teórico e metodológicos da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo; Editora UNESP, 2005.